

## EM BUSCA DO SENTIDO DO LUGAR

**Gloria Maria Vargas**

Universidade de Brasília, Departamento de Geografia, Brasília, DF, Brasil  
[yoya@uol.com.br](mailto:yoya@uol.com.br)

### RESUMO

O lugar e o sentido do lugar são temas eminentemente geográficos. No entanto, seu estudo não tem seguido caminhos consistentes em termos conceituais e metodológicos que permitam avançar em pesquisas qualitativas. Apresentam-se duas propostas que consideram formas de acessar o sentido do lugar e o apego ao lugar, das quais se constrói uma terceira. Nesta última, fez-se uma reorganização das dimensões de abordagem da temática no intuito de evitar sobreposições e ambiguidades apresentadas nas duas primeiras propostas. Considerou-se que a compreensão do sentido do lugar necessariamente envolve uma dimensão pessoal, que leva em conta os processos do afeto, cognitivos e de comportamento e uma dimensão ambiental ou do entorno, que envolve tanto os seus aspectos físicos quanto sociais. Concluiu-se admitindo tratar-se de mecanismos heurísticos, sujeitos a aperfeiçoamentos que virão do seu uso em pesquisas qualitativas.

**Palavras-chave:** Lugar; Sentido do lugar; Apego ao lugar.

## TOWARDS A SENSE OF PLACE

### ABSTRACT

Place and sense of place are very geographical topics. However, their study has not been consistent in conceptual and methodological terms so that they give way to advancement in qualitative research. Two approaches that consider the sense of place and place attachment are presented from which a third proposal is put forward. In it the dimensions considered are reorganized in order to avoid overlaps and ambiguities present in both the formers. The sense of place involves a personal dimension that takes into account affection, cognitive and behavioral processes and an environmental dimension that considers both physical and social aspects. They are both part of heuristic mechanisms that are subject to improvement that will come from their use in qualitative research.

**Keywords:** Place; Sense of place; Place attachment.

## INTRODUÇÃO

O lugar e o sentido do lugar têm um papel importante na Geografia. Desde Edward Relph, passando por Yi Fu Tuan e Doreen Massey os geógrafos se perguntam o que é o lugar e como atribuímos sentido a ele. Estas perguntas são importantes porque permitem, primeiro, caracterizar um âmbito fundamental da geografia que considera não apenas o espaço em termos da sua materialidade, mas em termos do que ele significa para quem transita e vive no seu invólucro material. E segundo, porque obriga a traçar os caminhos entre o que significam esses espaços construídos e apropriados, não apenas de forma instrumental, mas cognitiva e sensorialmente.

Uma das dificuldades encontradas na reconstrução desses caminhos tem sido a de identificar o que é o lugar e como entender do que ele se compõe. Para Tuan, (1983, p. 198): "o lugar é um mundo de significados organizado", isto é, um centro de produção de significados baseado na experiência subjetiva, nas relações sociais, nas emoções e pensamentos. Para Edward Relph (1976), também pioneiro na indagação sobre o lugar, o lugar é centro das ações e onde são

experienciados os eventos mais importantes da existência. Ele identifica um componente tripartite no lugar composto pelo ambiente físico, as atividades humanas que nele se desempenham e os significados a ele dado. Para Relph, dos três componentes, o dos significados é o mais difícil de ser traçado, porém é de vital importância para a composição pretendida. Poder-se-ia dizer que o lugar é o resultado das relações entre os atributos físicos, as ações e as percepções que nele se dão. Não resulta supérfluo dizer que esses elementos se consideram do ponto de vista de quem os percebe, ou do “usuário” do lugar. Elucidar o que o lugar é, portanto, não se traduz numa conceituação generalizável. Mas, através das percepções dos “usuários”, é possível inferir, mediante o caráter e as conexões entre as três instâncias ou elementos que o compõem, aspectos do sentido do lugar, entendido como um todo produto de uma intersubjetividade que, embora construída individualmente, é também reconstruída coletivamente.

Evidente é que esses três componentes podem ser precisados e complexificados, por exemplo, ao considerar o tipo e origem da percepção, podendo esta ser cultural, social ou até individual, e ao se considerar as ações que podem ser de caráter funcional ou institucional. Nessa direção Agnew (1987), citado por Gustafson (2001, p. 6), desenvolveu um modelo mais sociológico em que elencava três elementos como fundamentais na constituição do lugar: o local, ou o ambiente ou entorno em que as relações sociais se constituem, que identificou como podendo ser informal ou institucional; a localidade ou a área geográfica que abrange o ambiente ou entorno para a interação social, definida pelos processos sociais e econômicos que operam a uma escala mais ampla; e o sentido do lugar. Agnew ponderara que, para capturar completamente o sentido do lugar, era necessário considerar a complementariedade dos três elementos. Os lugares significativos emergiriam num contexto social e através de relações sociais, sendo geograficamente situados e, ao mesmo tempo, relacionados com o entorno social, econômico, cultural, etc. Esse conjunto daria aos indivíduos um sentido de lugar ou um sentido subjetivo de identidade.

Em consonância com o conceito de compressão tempo-espço de Harvey (1992), Doreen Massey, (2000), desenvolve uma conceituação do lugar a partir de uma plataforma marxista. Para ela, o lugar que invoca identidades únicas e essenciais, com limites e fronteiras que definem o que estaria dentro e fora, influenciada por noções de senso comum, mostrava um viés conservador e até reacionário. Ela parte da noção de lugar como o produto de relações sociais e, portanto, os entende como artefatos geográficos, não isolados, mas componentes de uma teia de relações que devem ser sempre entendidos no contexto do mundo em que se expressam. Cada lugar é único, não por características intrínsecas, mas pela forma particular como se vincula, via relações sociais, ao mundo fora dele. Esta singular forma de vinculação passa a ser um dos seus constituintes fundamentais. Dessa maneira, os lugares são pontos de interseção que integram o local e o global e criam assim um “sentido global do lugar”.

Por estarem conectados com o mundo externo, os lugares não são estáticos. Pelo contrário, são constantemente produzidos e reproduzidos na interação em seus respectivos fios conectores e, assim, podem adquirir novos significados num determinado período de tempo. Isto posto, Massey alerta para a essencialização dos lugares e afirma que, sendo parte de processos amplos e interconectados de relações sociais, não têm necessariamente o mesmo sentido para todo mundo. Portanto, os significados a eles atribuídos e as práticas sociais neles construídos e reconstruídos não devem pretender ser nem homogêneos nem unânimes.

Na arquitetura, Juhanni Pallasmaa, (2014) tem um trabalho que cruza o físico e o perceptivo do lugar e propõe uma abordagem que chama de qualidade dos lugares. Para ele, a qualidade de um lugar não é apenas uma percepção visual. É uma reunião de processos complexos que se compõem concomitantemente como uma atmosfera geral, que tem a ver com a emoção e com o ânimo. Explica que quando entramos num prédio, quando percorremos um campo aberto ou estamos debaixo de uma árvore, surge uma sensação imediata. Essa experiência se dá no súbito do lugar e é sempre enraizada. Parece um encontro que se manifesta como uma sensação premente de um “todo” que nos impacta, que é multissensorial, mas que também envolve a razão. Este processo multissensorial e racional complexo também abarca o tempo, pois funde a percepção, a memória e a imaginação. A este processo Pallasmaa chama de atmosfera do lugar.

A atmosfera do lugar não tem sido objeto de indagação pela geografia e parece ter tido mais afinidade com a arte, a pintura, a literatura, o cinema, etc. Na arte é fácil perceber essa característica do

*continuum* atmosférico em que essa atmosfera dá suporte à integridade da obra, independentemente das cores ou do tipo de paisagens, no caso de obras pictóricas (PALLASMAA, 2014).

Os artistas parecem mais conscientes do papel seminal da atmosfera do que os geógrafos, que tendem a pensar mais em termos das qualidades puras do espaço. No entanto, a atmosfera pode ser muito útil para compreender não apenas o lugar, mas a forma como se processa o apego ao lugar. Apegamo-nos a certas paisagens, naturais ou construídas, e a nossa ação vai ter correlação com essa percepção. Nesse sentido, temos subestimado o papel do apego ao lugar, se comparado com o peso dado à compreensão do significado do lugar. No entanto, muitas vezes o apego é o juízo mais compreensivo e sintético que podemos produzir ainda que seja difícil identificar os seus constituintes.

Fica evidente, portanto, que de abordagens epistemológicas diferentes constroem-se diversos sentidos do lugar. Frente à diversidade de conceituações, temos o desafio adicional de indicar caminhos de pesquisa que sejam operacionais e que nos permitam fazer inferências para avançar nas noções sobre o lugar e sobre como se constrói o seu sentido na nossa vida. Com isto em mente, na segunda parte do artigo comentaremos duas pesquisas com o intuito de mostrar a complexidade intrínseca ao tema por tratar, simultaneamente, de uma dimensão física e de uma dimensão perceptiva. A partir das pesquisas comentadas, esperamos mostrar um caminho possível, uma terceira via, muito preliminar, que consiga capturar sentidos do lugar e, a partir deles, afinar a nossa compreensão da sua construção e significado.

## O SENTIDO E O APEGO AO LUGAR

Qual a relação entre as conceptualizações expostas sobre o lugar e as experiências e noções cotidianas das pessoas?

Apresentam-se a seguir, duas abordagens que exploram o sentido e o apego ao lugar, de uma perspectiva epistemológica inspirada na fenomenologia.

Para a primeira abordagem, o sentido do lugar, o pesquisador P. Gustafson (2001) cita duas pesquisas realizadas no Reino Unido para demonstrar a complexidade do conceito de lugar. Uma de Sixsmith (1986) que investigou o significado atribuído ao "lar" entre estudantes universitários. Encontrou que havia algo em torno de 20 significados diferentes dados ao lar e que, ao fazer agrupamentos desses significados, era possível formar três grandes grupos que abrangiam aspectos pessoais, sociais e físicos levados em conta pelos pesquisados no processo de diferenciação. Dessa forma, a pesquisa proveu uma base empírica para um modelo teórico que considerasse esses três elementos como constituintes básicos do lugar. A segunda pesquisa, de Twigger-Ross e Uzzell (1996), investigou de que maneiras o lugar se relacionava com princípios de identidade. Para tal, usaram as seguintes categorias que denotavam características que o lugar lhes provia para a construção da sua identidade:

1. Distinção: os entrevistados usavam sua identidade com o lugar para se distinguir dos outros;
2. Continuidade: o lugar provia um sentido de continuidade com o self, pois os entrevistados tinham vivido por longos anos nele, ou no mesmo tipo de lugares.
3. Autoestima: os entrevistados sentiam orgulho do lugar onde moram.
4. Operacionalidade: As qualidades do lugar de residência facilitavam o dia a dia dos entrevistados.

Concluíram que essas características providas pelo lugar na construção da identidade estão fortemente relacionadas ao apego, mesmo que o assunto da identidade não esgote o sentido dado aos lugares. Também, que é necessário se levar em conta a escala. Lugares significativos podem ser da escala da residência, da comunidade ou da vizinhança, ou até da cidade, da região ou do país. Há diferentes formas de apego a diferentes escalas espaciais. Certas variáveis sociais podem explicar o nível escalar mais significativo ao qual se relaciona o apego (GUSTAFSON, 2001).

Um primeiro passo na apreensão do lugar é elucidar o que diferentes tipos de lugares significam para diferentes pessoas e como as pessoas se relacionam com os lugares. Na sua

pesquisa, Gustafson, (2001) realizou uma esquematização de categorias em que identificou três âmbitos principais ao redor dos quais se podem estruturar os significados dados aos lugares. Esses três âmbitos ou categorias seriam: 1. Âmbito referenciado na pessoa, isto é, tudo aquilo que se constrói a partir das vivências que fazem sentido individualmente; 2. Âmbito referenciado nos outros, ou tudo aquilo cuja centralidade está em outros e não em si mesmo, e 3. Âmbito referenciado no ambiente, ou aquilo que envolve o entorno. Para esse autor, existe uma variação gradativa que relaciona as três categorias e, assim, pode-se pensar que o sentido dado ao lugar estará muito frequentemente situado entre o âmbito da pessoa e o dos outros, ou entre o âmbito dos outros e o do ambiente, ao invés de corresponder apenas a uma das categorias isoladamente. Isso posto, o modelo apresentado contém essas três categorias como polos e uma variação entre elas, que expressaria as intermediações possíveis. Os sentidos do lugar assim expressos estariam:

1. No âmbito da pessoa: Nesta categoria se encontra tudo aquilo que dá um sentido eminentemente pessoal ao lugar. É provável que este sentido apareça mais naqueles lugares que condensam uma época importante da vida, tal como a infância ou a adolescência, associada a raízes ou a mudanças significativas. O aspecto pessoal também é preponderante quando no lugar se recria o sentido de segurança ou de identificação ou quando está associado ao trabalho ou lazer.
2. No âmbito da interface entre a pessoa e os outros: Esta categoria relaciona o pessoal com os outros. Os lugares adquirem significado quando se relacionam com outras pessoas tais como amigos, parentes, conhecidos, ou quando permitem criar uma noção de comunidade. O reconhecimento, tanto próprio quanto dos outros, tem relevância nesta categoria. O contrário também se aplica, isto é, o lugar adquire significado quando realça a sensação de anonimato ou de ser percebido como diferente ou estrangeiro.
3. No âmbito dos outros: Aqui se relaciona o significado com as características atribuídas àqueles que pertencem ao lugar. Às vezes os atributos podem ser estereotipados, pois dificilmente há grupos homogêneos nos lugares, porém, isto não elimina a possibilidade de que a principal fonte de sentido esteja nos outros.
4. No âmbito da interface entre os outros e o ambiente: Nesta categoria podem estar características tais como a vida noturna ou cultural do lugar, a culinária, a preponderância de uma etnia, de tal forma que as propriedades dos habitantes parecem substituir as propriedades do lugar. Um lugar pode estar associado a certo tipo de habitante, como por exemplo, a imigrantes, de tal maneira que acaba sendo caracterizado por tal característica.
5. No âmbito do ambiente: Muitas vezes o sentido do lugar não se refere às experiências individuais ou às dos outros senão ao ambiente físico. Pode estar circunscrito ao ambiente natural e a características tais como o clima, a vegetação, mas também ao ambiente construído. De igual maneira, eventos e características distintivas associadas ao lugar podem ser importantes. Nesses casos, o significado é atribuído, não só ao lugar segundo o seu ambiente físico, mas também a ele como ambiente histórico ou simbólico. Pode ter relação também com o ambiente institucional. Os lugares são às vezes associados a instituições políticas ou democráticas e/ou a práticas institucionais. Isto se percebe melhor no caso de países - a Suécia é tida como um lugar de práticas institucionais transparentes enquanto a Venezuela é tida como insegura e pouco transparente. Isto pode ocorrer nos níveis regional e local ou com cidades. Um lugar pode ser identificado com certo tipo de idade histórica, medieval ou colonial ou com uma atividade econômica como a industrial, agrícola ou pecuária. Por último, os lugares também fazem sentido segundo sua localização a respeito de outros lugares.
6. No âmbito da interface entre o ambiente e a pessoa: Os sentidos do lugar também podem ser atribuídos segundo se o entorno físico oferece oportunidades de desenvolver atividades que permitam uma experiência ou vivência desejável. Por exemplo, a realização de atividades que dependem da paisagem, como esportes ao ar livre. Pode também se tratar de um lugar que permite a experiência concreta da

cidadania ao incentivar a participação e, assim, conjuga um ambiente institucional com o ambiente que prioriza a pessoa.

7. No âmbito da interface entre a pessoa, os outros e o ambiente: Às vezes as três categorias estão envolvidas. Os festivais, aniversários ou comemorações em lugares específicos muitas vezes relacionam a pessoa, os outros e vários ambientes, em diferentes escalas, desde a local até a nacional. Quando associações e/ou organizações têm referentes espaciais (um sindicato, uma ONG, etc.), o sentido do lugar combina assuntos que dizem respeito da pessoa, de outros membros e do ambiente (geográfico e/ou institucional). Por exemplo, no caso da comemoração de um evento histórico que está atrelado a uma localidade específica.

Gustafson (2001) alerta que nem todos os lugares têm o mesmo significado para todo mundo. As vezes se dá sentido unicamente ao ambiente, sem se levar em conta quem ali habita ou o papel que a pessoa desempenha. As três categorias apresentadas não pretendem, portanto, que haja uma atribuição de sentido igual em todos os casos. Trata-se apenas de capturar algumas variações possíveis atribuídas aos lugares a partir das categorias elencadas.

Quando o sentido está referenciado no âmbito dos outros ou do ambiente físico, é provável que seja enfatizado o aspecto simbólico compartilhado do lugar. Nesse sentido, pode implicar processos de construção cultural que decantam significados ao longo do tempo em lugares com significados que se compartilham coletivamente.

O sentido do lugar pode ter uma base religiosa em que os significados transitam pelo âmbito do sagrado e comportam a introdução do ambiente físico, na forma de templos, igrejas, santuários, etc. Nesse caso, os significados se dão no âmbito pessoal, mas são também compartilhados coletivamente, portanto referenciados no âmbito dos outros, além de serem formados pelo ambiente físico, que contribui na evocação das vivências que se reverenciam.

Pode-se configurar a seguinte matriz, indicada no quadro 1, que considere lugares e âmbitos em que se constrói o sentido, segundo a nossa esquematização. Seguem alguns exemplos:

**Quadro 1:** Matriz de Lugares e sentidos atribuídos.

LUGAR SENTIDO DO LUGAR	Templo	Lar	Clube	Bairro	Parque Natural	Autódromo
	Pessoa					
Pessoa-outros		X				
Outros			X			
Outros-ambiente				X		
Ambiente					X	
Ambiente-pessoa						X
Pessoal-outros-ambiente	X					

**Fonte:** Elaboração própria

A matriz construída não é normativa, apenas exemplificadora, pois cada pessoa pode responder às opções de diferentes maneiras. É justamente por isto que a classificação proposta pode ser utilizada como mecanismo heurístico para realizar pesquisas que apontem para a elucidação do sentido dos lugares num determinado tempo e espaço.

Entendida assim, ela pode ser aperfeiçoada em experiências de pesquisa, tanto na precisão e melhoria das categorias propostas como na comprovação das frequências de diferentes

combinações (pessoal-outros, outros-ambiente, pessoal, outros-ambiente, etc.). Isto pode agregar informações importantes sobre atitudes, percepções individuais e coletivas em diferentes entornos históricos e geográficos. Assim, pode ser útil até na formulação de políticas públicas no contexto da destinação e aproveitamento do espaço público.

Quanto a abordagem do apego ao lugar, numa direção complementar à analisada, Scannell e Gifford (2010) elaboram um modelo analítico que considera, não apenas os possíveis significados atribuídos ao lugar, mas o que eles chamam de *place attachment*, ou apego ao lugar. Usado como conceito, é identificado como a ocorrência de vínculos entre os indivíduos e os ambientes que lhes são significativos. Estes autores consideram que não há ainda uma boa definição para tais vínculos e, para avançar em tal sentido, elaboram um modelo tridimensional que considera as seguintes dimensões na construção do apego ao lugar: a dimensão da pessoa, a dimensão dos processos e a dimensão do lugar.

A primeira dimensão leva em conta o sujeito do apego, isto é, a pessoa que se apega. Até que ponto o apego se baseia em sentidos individuais e compartilhados. A segunda dimensão, a dos processos, salienta as características psicológicas do apego em seus aspectos afetivo, cognitivo e comportamental. Considera como o afeto, a cognição e o comportamento se manifestam no apego. E por último, se considera o objeto do apego, aquilo ao qual se está apegado, o lugar, que pondera as características espaciais nos seus elementos tanto físicos quanto sociais. Ao redor dessas três dimensões podem-se organizar as definições sobre o apego aos lugares.

Elas podem ser úteis para avaliar o que acontece em processos migratórios, de enfrentamento de desastres, assim como na percepção ambiental de entornos tanto urbanos quanto rurais e pode servir de subsídio para a formulação e implementação de políticas públicas de conservação, de mobilidade e/ou migratórias.

As dimensões dos modelos são explicadas a seguir, seguindo Scannell e Gifford (2010):

1. Dimensão pessoal do apego: Aqui se explicitam as características que fundamentam o apego da pessoa, seja no nível individual ou compartilhado. No nível individual, envolve as conexões pessoais com o lugar, onde, por exemplo, ocorreram eventos importantes ou experiências que ajudaram à constituição de sentimentos de segurança e confiança em si mesmo. No nível compartilhado, o apego pode ser fundamentado nos sentidos que se compartilham com outros, como em lugares que são moldados coletivamente na preservação da própria cultura, como por exemplo, lugares com conteúdo histórico ou com paisagens significativas, que relevam valores coletivos. Esta dimensão também pode estar fundamentada num conteúdo religioso em que o sentido do lugar adquire um status de sagrado, como no caso de cidades sagradas ou templos, igrejas, cemitérios, etc. São as experiências pessoais, individuais ou compartilhadas, que formam a base para o apego.
2. Dimensão dos processos psicológicos. Esta dimensão diz respeito à natureza das interações psicológicas que ocorrem no apego com os ambientes percebidos como importantes. Os três aspectos psicológicos considerados e envolvidos são o afeto - no vínculo entre sujeitos e lugares há conexões emocionais; a cognição - os vínculos entre os sujeitos e os lugares implicam elementos cognitivos; e, por último, os aspectos comportamentais em que o apego se expressa. No caso do primeiro aspecto, o do afeto, Tuan, (1983) já havia sinalizado a empatia e antipatia com os conceitos de topofilia e topofobia. Isto remete a que há um investimento emocional nos lugares que dão espaço a sentimentos de afeição ou aversão. Alguns sentimentos descritos na literatura consideram desde amor e ódio, até o medo, e toda uma gama de sentimentos ambivalentes.

No que diz respeito à cognição, o apego envolve processos cognitivos na medida em que estão envolvidos na construção de sentido. Ter apego significaria organizar informação em conjuntos de cognição que incluem conhecimentos e crenças sobre os lugares. Estar apegado significa conhecer e organizar as informações e os detalhes do ambiente ao qual se tem apego e referirlos a si mesmo ou a um grupo ao qual se pertence e que produz ou infere a sensação de familiaridade, por exemplo. Ter apego a um lugar significa conhecer e organizar elementos do ambiente ou entorno.

Com relação aos aspectos comportamentais como parte do processo psicológico, o apego se manifesta através de ações. Assim como no apego interpessoal, neste caso o apego se tipifica por comportamentos que propendem pela proximidade ao lugar ou pela recorrência na sua visitação. Esses comportamentos se expressam, por exemplo, na saudade quando se está longe, e nos esforços por retornar. A romaria também é um comportamento que sugere apego ao lugar.

Este aspecto do comportamento de apego ao lugar tem uma particularidade muito geográfica que diz respeito à territorialidade. Em ocasiões, o comportamento do apego envolve não apenas os aspectos afetivos, mas também o pertencimento que surge do acesso, controle e/ou posse do lugar. Dessa forma, é necessário fazer as distinções para cada caso empírico.

3. Dimensão do lugar propriamente dito. A dimensão mais importante do apego ao lugar é o próprio lugar. O que cria os vínculos com o lugar que desaguam no apego? Quais as características do lugar que fazem aflorar o apego?

Os estudos indicam que há dois níveis nesta dimensão, um social e outro físico. O nível social se refere aos vínculos sociais que facilitam as relações sociais e a identidade de grupos, por exemplo, à vizinhança, a familiaridade com os residentes que moram no lugar. Estes vínculos sociais seriam mais fortes que aqueles do nível físico. Este último diz respeito às características materiais dos espaços, tanto naturais quanto construídos, que, por serem frequentados, moldam o enraizamento. Parques, paisagens naturais, bairros, restaurantes, centros comunitários, etc., criam laços com o lugar e estreitam e mantém a interação social. Dessa forma, parece ser que os dois níveis interagem na conformação do apego.

As pessoas se apegam aos lugares que facilitam as relações com os outros e que permitem a formação de identidades de grupo. Concomitantemente, características físicas como densidade e proximidade das moradias, e a presença de locais naturais ou construídos influenciam as interações sociais. Portanto, o lugar faz parte da construção da comunidade em que os membros criam vínculos através e pela localização geográfica. Os vínculos sociais estão enraizados no lugar.

Este modelo tripartite que inclui a dimensão pessoal do apego, a dos processos psicológicos envolvidos e a das características do lugar na identificação do apego ao lugar, não responde o porquê do apego. Por que se desenvolvem e vinculam as dimensões elencadas que explicam o fenômeno? Não há uma resposta a esta indagação. O que é possível afirmar, segundo Scanell e Gifford (2010), é que o apego ao lugar é funcional em vários sentidos. O mais evidente é que serve à sobrevivência e à segurança. É evidente que alguns lugares oferecem vantagens para a sobrevivência. Esta perspectiva da sobrevivência enfatiza os aspectos físicos do lugar, através dos recursos presentes, assim como as manifestações comportamentais e cognitivas. O vínculo do comportamento se expressa mantendo a proximidade aos lugares que fornecem comida, água, abrigo e outros recursos, a parte física do lugar, e o vínculo cognitivo se manifesta através do conhecimento e a familiaridade de como esses recursos podem ser extraídos ou usados no lugar. Neste caso, o apego se dá no nível do indivíduo.

O apego ao lugar é um mecanismo que serve à respectiva função/necessidade. De tal forma, na dimensão pessoal, a função de sobrevivência é fundamentada tanto no nível individual quanto compartilhado, o processo psicológico afetivo está menos envolvido, o cognitivo diz respeito ao conhecimento e familiaridade com o lugar que facilita a sobrevivência, e aciona um comportamento de proximidade ao lugar que aumenta as chances de sobreviver. As características do lugar propriamente dito mais relevantes no cumprimento desta função/necessidade são as físicas.

Já no caso da função/necessidade de segurança, a dimensão pessoal é importante, o processo psicológico afetivo positivo é reforçado pelo apego ao lugar, o processo cognitivo garante a redução de riscos no lugar de apego e induz um comportamento de proximidade ao lugar que proporciona segurança. As características físicas do lugar apresentam um papel significativo, por proporcionarem abrigo e as sociais reforçam a identidade (SCANELL e GIFFORD, 2010).

Há outras funções que o apego ao lugar desempenha e que podem ser reveladas em pesquisas cujo formato pode levar em conta o proposto nesta seção. Certamente há uma relação entre o apego ao lugar e a identidade, o sentido de pertencimento, a autoestima, etc.

A vantagem desta abordagem é que relaciona aspectos que estavam soltos, de tal maneira que as necessidades da dimensão pessoal, compartilhada ou individual, podem ser abordadas simultaneamente à aspectos psicológicos, afetivos, cognitivos e comportamentais, bem como às feições propriamente do lugar. Pode ser usada e aperfeiçoada em pesquisas, assim como pode ser ampliada para fins teóricos. Serve a muitos propósitos, que dependerão dos objetivos das pesquisas. Porém, e de forma geral, pode-se inferir que compreender como se estrutura o apego aos lugares pode auxiliar na elucidação do sentido de pertencimento, da construção das identidades individuais e coletivas; também assiste na interpretação de como se traçam e/ou desenham os sentidos cívicos que levam à ação no âmbito privado e público em prol do entorno, natural ou construído. Nesses sentidos, indagar sobre o apego ao lugar pode ajudar, não apenas na apreensão dos processos internos envolvidos, mas na compreensão dos vínculos sócio-geográficos que mantêm, transformam ou degradam os lugares em diferentes horizontes culturais.

Ao indagar as diferentes feições do apego ao lugar podem-se elucidar também categorias úteis em ações de planejamento rural, urbano, ambiental, bem como estratégias para a resolução de conflitos quando há diferentes compreensões sobre usos para recursos naturais ou construídos.

### **UMA TERCEIRA VIA: À CAPTURA DO LUGAR**

As duas abordagens apresentadas, sem dúvida avançam na direção de compreender as relações que se estabelecem com o lugar: a primeira, apresentando os âmbitos possíveis envolvidos na construção do sentido a ele dado. A segunda, abrangendo as dimensões envolvidas na construção do apego. Porém, os dois superpõem aspectos que dificultam a sua operacionalização. O primeiro ao tentar definir as categorias intermediárias entre os três polos apresentados, que são de difícil separação. Por exemplo, o âmbito que envolve tanto a pessoa quanto os outros e o ambiente é de difícil separação daquele que envolveria somente a pessoa e o ambiente. Num templo, por exemplo, estariam envolvidos os três âmbitos essenciais, da pessoa ou outros e o ambiente, ou apenas o da pessoa e o ambiente? É difícil de definir.

Já a segunda abordagem, que indaga sobre o apego ao lugar, consegue construir um modelo mais abrangente que, porém, também apresenta sobreposições difíceis de tratar, em particular, na separação da dimensão pessoal do apego, dos processos psicológicos. Por estas razões e com o intuito de contribuir e avançar em abordagens que seriam úteis para a pesquisa que nos auxiliem na captura tanto do lugar quanto o seu sentido, fizemos uma síntese das duas abordagens, cujo objetivo é a compreensão do sentido do lugar, no entendimento que o apego é uma particularidade do primeiro. De tal maneira, ao se indagar sobre o sentido do lugar, pode-se concluir que ele pode estar construído ao redor do apego, ainda que este não seja o único sentido presente.

É relevante esclarecer que a busca do sentido do lugar implica necessariamente na captura do seu sentido, já que aborda-se o termo não apenas como um constructo ou objeto material, mas como um referente que interage e consubstancia a experiência da pessoa.

Feitos esses esclarecimentos, propõe-se uma abordagem que faça a distinção primordial da construção do sentido do lugar entre os elementos que dizem respeito propriamente da pessoa daqueles que dizem respeito ao ambiente.

Portanto, têm-se duas dimensões iniciais: a primeira da pessoa e a segunda do ambiente ou entorno.

A primeira dimensão abrange os processos envolvidos na construção do sentido do lugar: o afetivo, o cognitivo e o comportamental, tratados em Scannell e Gifford. Já a segunda dimensão abrange tudo que está em relação com o ambiente ou entorno e, portanto, diz respeito aos aspectos físicos e sociais propriamente do lugar. De maneira sintética têm-se:

1. Uma dimensão pessoal, que abrange os processos afetivos, cognitivos e comportamentais que estão envolvidos na construção do sentido do lugar.
2. Uma dimensão do ambiente ou entorno, que abrange o ambiente físico dos lugares, tanto os aspectos naturais quanto construídos e os vínculos e relações sociais que estão atreladas à construção do sentido dos lugares.



Qual a vantagem de reorganizar e simplificar em duas dimensões? Que elas são mais evidentes e diretas para indagar numa pesquisa qualitativa e, portanto, identificáveis para as análises pertinentes.

Os processos afetivo, cognitivo e comportamental escolhidos na primeira dimensão não esgotam o leque de possibilidades, mas recolhem aqueles que têm sido mais utilizados nas pesquisas relativas às relações construídas a respeito do apego aos lugares (LOW e ALTMAN, 1992; PROSHANSKY, et al. 1983). A vantagem da sua utilização reside em que são claramente diferenciáveis de maneira que podem ser objeto de individuação em técnicas de pesquisa qualitativa, tanto em questionários quanto em entrevistas estruturadas ou semiestruturadas.

O processo que diz respeito ao afeto, pode ser absorvido com conceituações como tobofobia ou topofilia e, ainda, numa gama de processos afetivos diferenciados e intermediários a estes, que teriam de ser objeto de definição, segundo as demandas de cada pesquisa. Já àquele que diz respeito ao processo cognitivo, refere-se à organização e construção de informação e conhecimento sobre o lugar que permite desenvolver uma relação e/ou ciência do mesmo. E o aspecto comportamental diz respeito a como as atitudes se manifestam por intermédio das ações. De novo e com base nessas definições, pode-se individualizar e precisar, tanto os processos afetivos e cognitivos quanto os comportamentais, dependendo das necessidades e orientações de cada pesquisa.

A segunda dimensão do ambiente ou entorno, abrange os aspectos físicos e sociais que intervêm na construção do sentido. O primeiro refere-se à materialidade dos espaços, tanto naturais quanto construídos, parques, paisagens, igrejas, monumentos, etc., que estão envolvidos na criação de laços com o lugar. Os segundos dizem respeito àquelas relações que ajudam na criação ou manutenção da interação social. Dessa forma, se faz uma diferenciação quanto à ênfase da fonte da criação do sentido do lugar, mesmo podendo estabelecer os vínculos estreitos entre o entorno físico e os vínculos sociais que são por ele propiciados.

Os estudos indicam que o nível do ambiente físico é importante na construção do sentido do lugar, já que intervêm na sua valorização de maneira tanto individual quanto coletiva, podendo ser pedra de construção da frequentação como nos casos de paisagens naturais, ou mesmo de paisagens construídas que tenham significações importantes aos quais se assigna valor simbólico, como por exemplo, no caso de monumento, igrejas, etc.

O nível social se refere a vínculos sociais que facilitam as relações e as incentivam, podendo contribuir na formação/consolidação da identidade do grupo, a exemplo de uma vizinhança, um bairro, grupos que compartilham objetivos comuns, clubes, igrejas, etc. Propomos a seguinte matriz (Quadro 2) que visa mostrar como podem ser indagadas as dimensões escolhidas em pesquisas que visem compreender o sentido do lugar.

**Quadro 2.** Matriz de sentido dos lugares segundo as dimensões da pessoa e do ambiente.

LUGAR		Templo	Clube	Parque Natural
Pessoa	Afeto	Topofilia	Topofilia	Topofilia
	Cognitivo	Promove autoconhecimento, compaixão	Aprendizado de rotinas esportivas	Apreensão de paisagens, ritmos da natureza
	Comportamental	Frequentação Recorrência Proximidade	Recorrência	Recorrência Proximidade Contemplação

Ambiente	Físico	Entorno de meditação	Conforto, Divertimento,	Usufruto da natureza
	Social	Compartilhamento de visões de mundo	Estabelecimento de vínculos	Valorização do entorno, compartilhamento de admiração pelas paisagens

Fonte: Elaboração própria

Num templo, o sentido do lugar se constrói a partir de um sentimento de afeto expresso na topofilia. Em termos dos processos cognitivos envolvidos, promove a identificação e organização de informação para o autoconhecimento, a solidariedade, a compaixão, etc. Da perspectiva comportamental, o sentido do lugar promoverá ações de frequência ou recorrência ao lugar, procurando estar próximo a ele. O ambiente físico é importante na construção do sentido, pois através dele se permite a realização do seu propósito, o da meditação. E o aspecto social do entorno permite afiançar coletivamente aquela visão de mundo compartilhada e que se expressa na frequência do lugar.

A proposta é factível a diferentes mudanças, e como dito antes, uma proposta sujeita a modificações que dependerão das necessidades de pesquisa. Constitui-se, pois, mais num ponto de partida do que num de chegada.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lugar na geografia é um conceito elusivo que, no entanto, tem ganhado relevância, principalmente com a abertura da disciplina a visões fenomenológicas e pós-marxistas. Sendo um termo, como tantos outros, que apresenta uma polissemia ostensiva, trás intrínseco um reto metodológico para quem quer, não apenas tratar do termo, mas trabalhar com ele, isto é, operacionalizá-lo em pesquisas.

A maior dificuldade, ou uma delas, é justamente dar-lhe um sentido que tenha afinidade com o que ele sugere na vivência das pessoas. Essa dificuldade tem relação com a ampla gama de tons e matizes em que se dá a experiência do lugar e no sentido que se lhe assigna.

Com isto em mente, reproduziu-se uma forma de “capturar” o lugar a partir de um conjunto tripartite de âmbitos, propostos por Gustafson, (2001) ao redor do qual o sentido é construído. As três categorias foram apresentadas como polos de um *continuum* que envolve outras quatro categorias intermediárias, como prováveis matizes de sentidos diferenciáveis.

Posteriormente, a partir de Scannell e Gifford (2010) mostrou-se como eles sugerem a abordagem, não apenas no sentido, mas do apego aos lugares.

E por último, fez-se uma síntese das duas propostas, considerando inicialmente apenas duas dimensões, a pessoal e a ambiental, cada uma com as suas subdivisões internas, por considerar que ela contorna algumas dificuldades, superposições e ambiguidades apresentadas nas duas primeiras.

Trata-se de um exercício inicial que não pretende de maneira alguma esgotar o tema, apenas abrir um caminho conceitual de possível uso empírico e, nesse contexto, demonstrar ou não a sua eficácia como mecanismo heurístico. A simplicidade das categorias permitirá, espera-se, melhorar o seu desenho e estimular categorias complementares que auxiliem no caminho da difícil “captura” do lugar na geografia de maneira que outros pesquisadores interessados no tema possam contribuir no seu adensamento conceitual.

### REFERÊNCIAS

- AGNEW J. A. **Place and Politics: The Geographical Mediation of State and Society**. Boston: Allen and Unwin, 1987.
- GUSTAFSON, P. Meanings of Place: Everyday experience and Theoretical Conceptualizations. **Journal of Environmental Psychology**, 21, 5-16, 2001. <https://doi.org/10.1006/jevp.2000.0185>
- HARVEY, D. **A Condição Posmoderna**. São Paulo: Loyola. 349 p., 1992.

- LOW, S. M. e ALTMAN, I. Place attachment: A conceptual inquiry. In I. Altman & S. M. Low (Eds.), **Place attachment**. New York: Plenum, 1992. [https://doi.org/10.1007/978-1-4684-8753-4\\_1](https://doi.org/10.1007/978-1-4684-8753-4_1)
- MASSEY, D. Um Sentido Global do Lugar. In: **O Espaço da diferença**. Antônio A. Arantes (Org). Campinas: Papirus, 2000.
- PALLASMAA, J. Space, place and atmosphere: emotion and peripheral perception in architectural experience. **Lebenswelt**, 4.1, 2014.
- PROSHANSKY, H. M., FABIAN, A. K., e KAMINOFF, R. Place-identity: Physical world socialization of the self. **Journal of Environmental Psychology**, 3, 57-83, 1983. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(83\)80021-8](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(83)80021-8)
- RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion. 156 pp., 1976.
- SCANNELL L. e GIFFORD R. Defining place attachment: A tripartite organizing framework. **Journal of Environmental Psychology**, 30, 1-10, 2010. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.09.006>
- SIXSMITH, J. The meaning of home: An Exploratory study of environmental experience. **Journal of Environmental Psychology**, 6, 281-298, 1986. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(86\)80002-0](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(86)80002-0)
- TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar**. A perspectiva do Lugar. São Paulo: Difel, 1983.
- TWIGGER-ROSS, C. L. e UZZELL, D. L. Place and Identity processes. **Jornal of Environmental Psychology**, 16, 205-220, 1996. <https://doi.org/10.1006/jenvp.1996.0017>

---

Recebido em: 25/07/17

Aceito em: 06/09/17